

Opinião



RUI ROSAS DA SILVA

Incêndios... Uma fatalidade portuguesa?

E decerto um verão quente e triste este que estamos a viver.

Portugal tornou-se, dia a dia, num foco de incêndios constante, que são extintos e, prontamente, parece que fazem despontar outros, não dando descanso a bombeiros e a todos aqueles meios que existem para os combater.

Na comunicação social tornou-se “normal” ver fotos ou cenas vivas de pessoas e profissionais do fogo a tentar combater chamas, com todo o lastro de destruição que elas deixam por onde passam.

Tendo, um dia de estes, por obrigações de trabalho, de andar numa rua bastante movimentada durante as horas laborais, ouvi, muito de manhã cedo (ao que creio entre dois vizinhos), gritar de um lado para outro dessa mesma rua: “Onde é que hoje há incêndios? Já viu algum jornal?”

Não sei o que o outro lhe respondeu, embora me parecesse bastante elucidativa esta forma de despontar dessas duas pessoas.

Aqui ou ali, mais para norte ou para sul, mais para o interior ou até para o litoral, os fogos não nos deixam e tornam-se como uma espécie de companhia obrigatória durante este tempo de estio abrasador.

Que razões explicam estas calamidades, que se tornaram infelizmente normais para nós, portugueses, que temos fama de ser gente calma e acolhedora?

Neste campo, as opiniões e as acusações são tantas e tão variadas, que se assemelham a labaredas fugazes e desconcertantes, como aquelas que varreram a região de Pedrógão e deixaram sem vida 64 pessoas, segundo as fontes oficiais, ou ainda outras – assevera alguém – que não foram devidamente contabilizadas.

Ou seja, a nossa calma e a nossa serenidade desaparecem nos fogos, dando origem ao “diz-se-diz-se”, ao deu-se isto e não o que se diz, numa falta de entendimento e de objectividade que nos faz, como o lume inquieto que queima o país, indecisos e vacilantes, peremp-

tórios num momento de acusação e tuteantes logo a seguir, com uma série de interrogações que nos apoquentam sem sabermos como responder: Porque razão acontece isto? Porque razão Portugal, no verão, se transforma numa espécie de fogueira que não se previu com cautelosa antecipação, levando a que todos gritem, todos se lamentem e todos se enraiveçam numa barafunda atordoada.

Alguém comentava: “Quem me dera já no inverno para não assistir a este espectáculo... E uma vergonha! Todos os verões são iguais. Portugal é um braseiro... E ninguém faz nada...”

É evidente que quem assim protesta pode ter alguma razão, embora não deva esquecer que o termo “ninguém”, em sentido rigoroso, o abrange também, já que ele é um “alguém” desse “ninguém”.

Não sei se vale a pena dizer – a nós, portugueses – que “somos todos culpados”, ainda que possa descobrir-se algum fundamento nessa afirmação. Quem é culpado deve arrepender-se do que fez e não devia fazer ou do que não fez e devia ter feito.

Meta cada um a mão na sua consciência e veja o que é possível melhorar no plano pessoal, já que será para quase todos nós uma quimera absurda e uma perda de tempo óbvia pensar que com os nossos protestos, as nossas opiniões inflamadas, as nossas acusações peremptórias e as nossas soluções geniais – tiradas da manga do casaco – o problema dos incêndios em Portugal se vai resolver.

Não podemos, contudo, deixar de lamentar o espectáculo de terror do mês passado e de desejar também a quem compete dar soluções a estes problemas gravíssimos e complexos que, com a previsão e a prudência devidas, lhes dedique o esforço que eles merecem. É o melhor caminho para tentar vencer esta praga, e não as nossas irritações. Oxalá o próximo verão seja bastante mais alentador e pacífico do que o de 2017.



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com

OS DIAS DA SEMANA

Rapariga ferosa recebe em hotéis

As más notícias sobre o jornalismo abundam. As boas, se as houver, não merecem passar despercebidas e sem elogio. Louve-se, por isso, o anúncio de uma decisão tomada pelo diário espanhol *El País*, que divulgou há dias que tinha decidido acabar com a publicação de “anúncios de contactos”, uma das designações eufemísticas da publicidade à prostituição.

É verdade que o jornal demorou pelo menos oito anos a perceber por que o devia fazer, mas é preferível a demora no acerto do que a persistência no erro. De facto, em 2009, no dia 24 de Maio, a provedora do leitor do jornal Milagros Pérez Oliva deu voz a inúmeros leitores

A decisão agora tomada veio tornar ainda mais evidente que publicar anúncios a esses serviços é ajudar a fomentar uma escravidão que, podendo ser “invisível”, não é menos intolerável.

res que deploravam a dupla moral do jornal, que, por um lado, denunciava o tráfico de mulheres para emprego nos circuitos da prostituição, e, por outro, publicava anúncios que promoviam a prostituição e beneficiavam essas máfias. Uma reportagem a que o diário concedeu amplo destaque sobre “os horrores da ‘escravidão invisível’ em que se tinha convertido a prostituição” tornou ainda mais chocante a publicação dos anúncios de contactos sexuais. As cartas incomodadas multiplicaram-se e a provedora do leitor (defensora do leitor, se se preferir a designação espanhola) não se eximiu a corroborá-las, como neste espaço se deu detalhadamente conta no dia 31 de Maio de 2009. Contestando a orientação do jornal, Milagros Pérez

Oliva disse que “esses anúncios não se deveriam publicar”, notando que eles não se encontram em diários como o *Frankfurter Allgemeine*, *Le Monde*, *The Daily Telegraph* ou *The Guardian*. “De facto, a maior parte dos diários sérios não os publica”, acrescentou ela. Um extracto do *Livro de Estilo* serviu-lhe para estabelecer uma analogia convincente. “A linha editorial do jornal é contrária ao fomento do boxe e por isso renuncia a publicar notícias que contribuam para a sua difusão”. Se isto se apresenta como um dos princípios do jornal, “com muita mais razão deveria figurar o de não contribuir com anúncios de contactos de uma actividade que, além de denegrir as mulheres, as converte em escravas”, explicou Milagros Pérez Oliva.

Oito anos depois, o mais influente jornal espanhol veio dar-lhe razão. “*El País* deixa de publicar anúncios de contactos. Os chamados anúncios de relax não se publicam em nenhuma das edições do diário desde o passado 15 de Julho”. Com a notícia, uma explicação. A decisão tinha sido motivada por um profundo debate interno, em que tiveram um grande peso as opiniões dos leitores, através das cartas ao director; a figura da provedora do leitor; os comentários em notícias e as redes sociais, que transmitiram repetidamente o seu repúdio por este tipo de anúncios.

O anúncio da decisão do jornal era ainda acompanhado por alguns dados sobre a prostituição em Espanha, “o país europeu com mais procura de prostituição”. A actividade não é ilegal no país, mas o tráfico de pessoas é criminalizado, tal como o proxenetismo e a prostituição de menores, que também são delitos contemplados no Código Penal espanhol. A circunstância de o tráfico de pessoas ser criminalizado fez com que, em apenas cinco anos, entre 2012 e 2016, se tivessem resgatado 4.300 vítimas de exploração sexual. O jornal informava ainda que há variados estudos e diversos especialistas que sublinham que a grande maioria das mulheres que oferecem serviços sexuais o fazem escravizadas. A decisão agora tomada veio tornar ainda mais evidente que publicar anúncios a esses serviços é ajudar a fomentar uma escravidão que, podendo ser “invisível”, não é menos intolerável.